



**EIXO TEMÁTICO:**

- |                                                           |                                                                      |                                                              |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade                 | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |                                                                      |                                                              |

## **A forma civilizadora – a ação moderna do escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados**

*The civilizing form – the modern action of Henrique Mindlin Arquitetos Associados*  
*La forma civilizadora – la acción moderna de la oficina Henrique Mindlin Arquitetos Associados*

BATISTA, Antonio José de Sena (1)

(1) Professor Doutor, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Curso de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email: antoniosena@puc-rio.br

## **A forma civilizadora – a ação moderna do escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados**

*The civilizing form – the modern action of Henrique Mindlin Arquitetos Associados*

*La forma civilizadora – la acción moderna de la oficina Henrique Mindlin Arquitetos Asociados*

### **RESUMO**

A historiografia da Arquitetura Moderna Brasileira tende a privilegiar a construção de uma coerência ficcional que determina grupos aos quais todos arquitetos atuantes naquele período são anexados. No entanto, uma análise mais detalhada traz à tona a existência de múltiplas formas de ação que não concorrem para tal unidade fictícia. Dentre eles estão os arquitetos que trabalham prioritariamente para o mercado da construção civil, que lhes impõe regras, meios, relações econômicas, que contaminam seu modo de operação projetual. Esse artigo busca, através de uma breve análise da arquitetura do escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados, destacar certas características de concepção de projeto que os tornam distintos de outros escritórios atuantes no mesmo período, e mostrar como sua arquitetura estabelece uma relação específica com o espaço urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquitetura moderna, escritórios, tipologia, urbanística

### **ABSTRACT**

*The historiography of Brazilian Modern Architecture tends to favor the construction of a fictional coherence; determining groups to which all architects that have worked in that period are attached to. However, a more detailed analysis brings to light the existence of multiple forms of action that do not compete for this fictitious unity. Among them, architects who work primarily for the construction market, which imposes rules, resources, economic relations, that contaminate their modus operandi. This paper tries to determinate, by a short analyses of Henrique Mindlin Arquitetos Associados architectural production, in which ways the market impositions do change the work of this architectural firm, leading them to acquire different design characteristics. This paper also aims to show how the architectural actions of this firm creates a distinct relation with the space of the city.*

**KEY-WORDS:** modern architecture, architectural firms, type, urbanity

### **RESUMEN**

*La historiografía de la arquitectura moderna brasileña tiende a favorecer la construcción de consistencia ficcional que determina a qué grupos se unen todos los arquitectos activos en ese período. Sin embargo, a un análisis más detallado, aparece la existencia de múltiples formas de acción que no compiten por dicha unidad ficticia. Entre ellos están los arquitectos que trabajan principalmente para el mercado de la construcción, que impone reglas, los medios e las relaciones económicas, que contaminan su modo de funcionamiento del diseño. Este artículo pretende, a través de un breve análisis do trabajo de Henrique Mindlin Arquitetos Associados, destacar ciertas características de diseño del proyecto y organización funcional que los hace diferentes de otras oficinas que funcionan en la misma manera, y mostrar cómo la arquitectura establece que una relación específica con el espacio urbano*

**PALABRAS-CLAVE:** la arquitectura moderna, oficinas de arquitectura, tipología, urbanismo

## 1 INTRODUÇÃO

Os arquitetos da fase inicial do movimento moderno pretenderam estabelecer uma sociedade mais justa e, portanto, mais igualitária, guiados principalmente pela articulação entre arquitetura e tecnologia e por ideologias de base socialista. No entanto, os fatos - sendo o principal o danoso evento da Segunda Guerra Mundial -, mostraram que o determinismo entre progresso tecnológico e justiça social era uma ilusão.

A partir de então, despidos de desejos utópicos, voltam sua atenção para o estabelecimento de um processo de reexame crítico da arquitetura moderna inicial, dando origem, na Europa, a um grande e polifônico gama de propostas, que em sua maioria valorizava o resgate da especificidade de identidades e lugares, mantendo, no entanto, um caráter socializante subjacente às novas ações propostas. Nesse movimento de releitura, o pensamento sobre a cidade ganha grande destaque. Opondo-se às propostas da Carta de Atenas e seu urbanismo funcionalista, inspiram-se em estudos sócio-antropológicos e tomam como foco de seu questionamento a noção de “Habitat”, voltando o pensamento da cidade para a moradia e os espaços de convívio.

Já nos EUA, a resposta foi diversa: o grande impulso tecnológico que a urgência da guerra fez surgir foi transferido para a vida cotidiana da sociedade como decorrência pertinente a uma cultura constituída a partir de pragmatismo e da moral puritana. O rápido desenvolvimento urbano e a apropriação das invenções científicas e de métodos desenvolvidos durante a Segunda Guerra Mundial alteraram significativamente as preocupações da arquitetura e o edifício comercial desenvolvido em altura ganha grande impulso e passa a definir arquiteturalmente o movimento moderno nos EUA.

Se o adensamento urbano ocorrido entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX nas cidades americanas implicou o surgimento da tipologia do edifício de grande desenvolvimento vertical, “o arranha-céu, ou a torre, assume, no pós-guerra, um papel de arena ideal para a demonstração das mudanças culturais e tecnológicas das décadas recentes” (ÁBALOS e HERREROS, 2005, p: 4 – em livre tradução). Finalmente, a tecnologia construtiva industrial assume o papel principal na concepção arquitetônica. Tendo destaque nos estudos de grande número de arquitetos modernos, especialmente nos de Le Corbusier e Mies van der Rohe, o “edifício *box*” ocupa, nas experiências em solo americano, o lugar de síntese arquitetônica dos diversos princípios que embasavam o estabelecimento da sociedade técnica-racionalista, feita por profissionais:

Como o arranha-céu originou-se do desenvolvimento tecnológico, ele tinha o potencial de oferecer uma interpretação simbólica da máquina; sua substância arquitetônica surge da necessidade, o que o torna um exemplo ideal entre os demais tipos arquitetônicos. Além disso, o arranha-céu pressupunha uma conexão direta entre conhecimento tecnológico, sistemas industrializados de produção, e tipologia, visto que sua invenção era resultado de todos esses fatores. (ÁBALOS e HERREROS, 2005; p.9)

Desenha-se, assim, o surgimento de uma nova paisagem urbana, que passa a ser dominada pelos enormes edifícios corporativos, ensaiando, portanto, o estabelecimento da espacialidade urbana que parte de uma rigorosa lógica de produção e de consumo.

No Brasil, nesse momento, vivíamos uma fase de transição. Lentamente, substituíamos a Europa pelos EUA, como modelo civilizatório. A vitória das forças aliadas comandadas pelo exército americano e o grande desenvolvimento que esse país alcança no pós-guerra corroborou para a mudança de rumo brasileira. Tal movimento, no entanto, não se apresentava como uma consciente adesão aos preceitos racionalistas puritanos dos

americanos, mas, por outro lado, tampouco se percebia uma clara valorização, por parte da sociedade brasileira, do pensamento socializante europeu. Como propôs Alain Touraine, a introdução tardia dos processos racionais mais instrumentalizadores não permitiu o estabelecimento de uma divisão dura entre dominadores racionais e dominados, condição essencial para o surgimento do conceito de classes que poderia estabelecer desdobramentos socialistas em nosso país (TOURAINÉ, 1989). Devemos levar também em conta que a ausência de um processo racionalizador mais amplo e de longa duração nos privou de um embate com os malefícios do processo racionalizador de amplo espectro.

Assim, diante da pouca consciência crítica, os valores derivados do racionalismo de dominação, para usar os termos de Max Weber, – e sua conseqüente industrialização – são despidos de quase todos seus atributos negativos e, idealizados, passam a ser pensados como um instrumento implementador de uma sociedade mais justa, tomando-se a imagem que se tinha dos Estados Unidos como exemplo. O que resulta em termos políticos é o afloramento de programas para o país que tenderam a valorizar, quase que exclusivamente, aspectos “desenvolvimentistas”.

Vê-se, então, a implementação de um impulso modernizador no Brasil. Esse impulso, que começa com a intensificação do desenvolvimento de tipo capitalista, durante o governo de Juscelino Kubitschek, aumenta significativamente a partir da segunda metade da década de 1960, com as medidas econômicas que reformularam a Lei de Remessas de Lucros, estimulando a instalação de empresas estrangeiras (PRADO e SÁ EARP, 2010).

A entrada de um grande número dessas empresas, organizadas segundo critérios altamente racionalizados, força a convivência de, pelo menos, três lógicas distintas de produção no país: a primeira seria a produção ainda debitária dos processos de artesanato; a segunda, aquela na qual havia o predomínio de um padrão de direção de empreendimentos baseados na autoridade obtida pelo controle da propriedade – conectado, em geral, a grupos familiares –, que determinaria certo afrouxamento dos rigores organizacionais racionais; o terceiro sendo aquele praticado pelas de empresas de economia mista, recém estabelecidas e que operavam segundo “novos padrões de direção e gestão”, que impunham velocidade e eficiência otimizadas (CARDOSO, 1972).

A arquitetura, diante de tal guinada no quadro político-cultural e da multiplicidade estabelecida nos processos produtivos de nossa sociedade, rompe com certa unicidade percebida em sua fase heroica e oscila entre posições distintas e, por vezes, contraditórias. Dentre tais posições, destacamos a manutenção das pesquisas plásticas da então nomeada escola carioca, que de certa forma avizinhava a arquitetura brasileira dos questionamentos europeus sobre lugar e identidade, visto a ela subjazer um projeto de identidade nacional; a tomada de um posicionamento ideológico socialista, que leva a questionamentos mais explícitos sobre a relação entre arquitetura e construção social da cidade; e a percepção da necessidade de aproximar o modo de operação da arquitetura brasileira daquele assumido pelos demais profissionais inseridos na cadeia produtiva tecnológica-industrial moderna – parecendo, portanto, adotar os valores que guiavam os arquitetos americanos do período.

Queremos, aqui, então, propor uma breve análise da obra de um escritório de arquitetura que teria como principal característica o entendimento da arquitetura como parte de uma grande cadeia de industrialização: o escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados. Esse entendimento estruturaria grande parte das escolhas do escritório desde sua organização – talvez, o primeiro escritório em sentido restrito a se instalar no mercado carioca, dominado

por pequenos ateliers de arquitetura e por escritórios técnicos comandados por engenheiros -, e determinaria o predomínio da tipologia do edifício “box” isolado, estabelecendo, portanto, uma relação específica com a ideia de cidade que estava começando a ser implementada no país.

## 2 ARQUITETURA PARA O MERCADO MODERNO

O escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados surge da reunião paulatina de arquitetos em torno da figura de Henrique Mindlin. De espírito empresarial e “catalisador”<sup>1</sup> das potencialidades individuais, o arquiteto, ao longo de quase uma década, constrói a equipe que dará origem à organização de *professional partnership*, inovadora no mercado carioca.

O escritório é oficialmente estabelecido em 1964, assumindo o nome de Henrique Mindlin, Giancarlo Palanti e Arquitetos Associados Sociedade Civil Ltda. Além de Mindlin e Palanti, os arquitetos Marc Fondoukas, Walmir Amaral e Walter Morrison participavam da empresa. A constituição de uma empresa de arquitetos cuja atividade única era o desenvolvimento de projetos se torna, desde o início, um diferencial frente ao já descrito predomínio, no mercado de construção civil da cidade, de atuações de arquitetos autônomos ou organizados em pequenos ateliês, ou, ainda, no polo oposto, constituindo empresas construtoras. Em 1966, com a saída de Palanti, assumem o nome de Henrique Mindlin Arquitetos Associados.

Podemos dizer que o escritório nasce do incômodo de Henrique Mindlin com a situação da arquitetura brasileira. Se em algumas de suas primeiras falas, nas décadas de 1940 e 1950, estava presente uma admiração sincera pelas inovações e soluções que a “nova arquitetura” feita no país trouxera<sup>2</sup>, percebemos que rapidamente se torna um crítico consciencioso dos excessos autorais, do espírito de “vedete”<sup>3</sup> e da ausência de um sentido social mais agudo percebida em seus contemporâneos<sup>4</sup>. Propõe, então, um escritório que ultrapassasse os individualismos, o desejo de assinatura; que entendesse o projeto como “um contínuo trabalho de equipe [...] num terreno de cooperação efetiva no qual o objetivo não é a glorificação individual, e sim a obra de arquitetura” (MINDLIN, 1962 apud YOSHIDA et alii, 1975; p. 28). E essas serão as principais características desse escritório: a valorização da arquitetura enquanto obra de uma equipe e inserida em um mercado em crescente aceleração dos procedimentos racionais; onde não caberia a priorização de gostos pessoais ou de gestos

<sup>1</sup> A qualificação de Mindlin como um catalisador foi feita por Pedro Augusto Vasques Franco, em depoimento ao autor em 26 de abril de 2011.

<sup>2</sup> Como exemplo, podemos citar parte de sua conferência feita, em 1945, para alunos da Universidade Mackenzie: “Não se trata de nacionalismo, e sim de uma adaptação profunda à terra e ao meio. Dentro da mais completa identificação com o espírito da nossa época, sobre a base larga de liberdade espiritual, que é uma tradição da nossa cultura, ao sopro de um lirismo que é o reflexo da alma coletiva, os novos arquitetos do Brasil estão criando a arquitetura do SOL.” (MINDLIN, H. E. “A Nova Arquitetura e o Mundo de Hoje” – Conferência pronunciada na Escola de Engenharia Mackenzie, em 30-8-45. In: YOSHIDA, Célia et alii. Opus cit., p. 165-172).

<sup>3</sup> “Num país que tanto se cultiva, e cultua, a vedete, em que tanto se respeita a bossa [...]” Excerto do texto “*Um tranquilo purista*” em que Henrique Mindlin apresenta a obra de Álvaro Vital Brazil (MINDLIN, H. E. “A Nova Arquitetura e o Mundo de Hoje” – Conferência pronunciada na Escola de Engenharia Mackenzie, em 30-8-45. In: YOSHIDA, Célia et alii. Opus cit., p. 165-172).

<sup>4</sup> Como exemplo, podemos citar sua fala de 1968: “A arquitetura moderna adormecida, talvez, sob os louros das primeiras vitórias, em que a criação formal se integrava genuinamente na pesquisa de novas soluções técnicas, sociais, econômicas, deixou-se penetrar demais, seja dita a verdade, pelos germes de um academicismo [...]” (MINDLIN, H. E. “*Discurso de Agradecimento na Academia Brasileira de Arte*”. Revista aba/GB. Rio de Janeiro, 1968. p. 81).

autorais, mas o atendimento mais pleno e mais veloz possível das necessidades do cliente. O que daí resultava era uma arquitetura eficiente, bastante preocupada com a racionalização de seus processos e sem buscar diferenciais estéticos de grande monta. Talvez, por isso mesmo, sua obra seja pouco valorizada; quem sabe, por esse motivo, tenha sido tão negligenciada nos estudos sobre arquitetura brasileira ou condenada como cópia de pouca importância.

No entanto, enquadrar o trabalho de Henrique Mindlin como mera adesão aos valores americanos e, portanto, à lógica da produção e do consumo, parece ser uma simplificação a ser evitada. Obviamente, há uma valorização dos procedimentos racionais que guiam a arquitetura americana. Porém, há igualmente um entendimento - hoje, à distância, percebido como carregado de certo otimismo e ingenuidade - da existência de uma grande potência libertadora e de justiça social na adoção de princípios extremamente racionais para a produção do país. O homem moderno, no entendimento de Mindlin, seria necessariamente moldado pelo avanço da racionalidade formal. Ele o vê positivamente sem, no entanto, deixar de percebê-lo como menos cerimonioso, “mais apressado, menos próspero [...] e, infelizmente, menos sequioso de cultura” (MINDLIN, “O Grande Hotel”, 1962). Podemos inferir, portanto, que este homem moderno é, para Mindlin, uma pessoa de classe média, participante da nova sociedade de massa, usufruindo de todas as benesses que seus rendimentos, como profissional moderno, podem lhe proporcionar. A firme convicção de Mindlin que o espraiamento dos procedimentos racionais proporcionaria “um quadro material adequado” para a toda a sociedade, assumindo, assim, um caráter benéfico de instrumento para o alcance de certa igualdade social, parece permitir, em seu pensamento arquitetônico, sem grandes constrangimentos, a redução desse homem ao papel de usuário. Tampouco, parece haver em Mindlin algum pesar frente ao avanço da cultura de massa, como vemos em Gropius, por exemplo: sua arquitetura não tem a base fincada na tradição da *Kultur*, mas no pragmatismo do pensamento politécnico.

Assim, podemos pressupor que a ação do arquiteto nessa operação para viabilizar certa igualdade social, que viria através do oferecimento de um ambiente confortável, racionalmente pensado e, portanto, eficiente para o homem moderno, aponta para um campo ideológico próximo das ideias de Keynes, cuja concretude da vida diária faz praticamente desaparecer qualquer traço de utopia. Mindlin não parece se preocupar com o empobrecimento vital e cultural que tal predomínio da racionalidade formal poderia trazer para sociedade como um todo. A jaula de ferro weberiana<sup>5</sup> talvez fosse vista como um problema fora da área de alcance da arquitetura ou um preço a ser pago por um mundo socialmente mais justo.

Devemos, portanto, assumir certa contradição na ação do escritório Henrique Mindlin - e, obviamente, não só nele, mas em parte significativa dos arquitetos do período. Afinal, vemos coexistir certo desejo de igualdade social e a aceitação do risco do empobrecimento e aprisionamento determinados pela adoção do pensamento racionalizante. Ou seja, liberdade e aprisionamento convivem sem maiores questionamentos. Uma leitura possível para a assunção de tal contradição está no embate entre aquilo que os sociólogos chamam de *Gesellschaft*, “sociedade”, nos termos de Tönnies, e o que chamam de *Gemeinschaft*, “comunidade”. Talvez, arquitetos como Mindlin desejassem corroborar para o estabelecimento dos valores que regeriam a vida numa “sociedade”, regulamentados por certa impessoalidade e universalidade determinadas pelo “princípio racional, formal e negativo

---

<sup>5</sup> Nesse sentido ver WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

segundo o qual a limitação da liberdade de uma pessoa não é lícita senão enquanto necessária para garantir a compatibilidade da maximização da sua liberdade com a maximização da liberdade de cada uma das demais” (CÍCERO, 2005); talvez o desnível social verificado no país fosse creditado unicamente à manutenção de valores ainda conectados a hierarquias, relações pessoais e complementares, baseadas na memória e na tradição, pertinentes à *Gemeinschaft*.

### 3 ARQUITETURA PARA O HOMEM MODERNO

Para o escritório Henrique Mindlin, esse homem moderno estaria necessariamente imerso na grande cidade, onde o adensamento e a verticalização não determinariam, necessariamente, a diminuição da qualidade de vida. Contrariamente à crítica de Lewis Mumford, usada como base teórica do artigo assinado pelo arquiteto Maurício Nogueira Batista<sup>6</sup> depreciando seus edifícios comerciais, Mindlin percebia esse movimento como uma necessária e inelutável “adaptação da cidade à escala e à dinâmica” (MINDLIN, “Discurso de Agradecimento na Academia Brasileira de Arte”. Revista ABGB, Rio de Janeiro, 1968; p. 80) dos tempos modernos. Logo, a tipologia do edifício desenvolvido em altura não era percebida como um “arquivo de seres humanos, cujos ocupantes passavam os dias a circunspectamente cuidar de papéis, numerando, carimbando, estocando, despachando, registrando, multiplicando, arquivando [...]” (MUNFORD, A cultura das cidades, Apud BATISTA, M. Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro. nº 50, agosto de 1966). Para Mindlin, isso ocorreria somente quando da ausência da ação dos arquitetos. Uma cidade bem planejada e um edifício bem projetado resultariam num conjunto que ofereceria ao usuário conforto físico e mental.

As edificações, pensadas como mantendo uma ligação “simbiótica” com a cidade, precisariam, elas próprias, colaborar diretamente para o sucesso econômico da sociedade como um todo. Fosse uma sede de empresa ou um edifício comercial construído para um “especulador”, o essencial era a constituição de uma boa relação entre o custo de construção e o lucro que poderia ser aferido a partir do uso otimizado da edificação, sem que isso implicasse a redução de conforto para o usuário. Ou seja, não haveria para Mindlin conflito entre os objetivos econômicos e arquiteturais do projeto. Muito pelo contrário. “Bem interpretados, esses objetivos se identificam, para estabelecer as condições fundamentais do programa, permitindo que surja, afinal, obra de boa arquitetura” (MINDLIN, Prumadas, 1962, p:19).

Henrique Mindlin, em seu racionalismo e pragmatismo, parece entender que a torre moderna, ao conseguir abrigar as atividades humanas relacionadas diretamente com os avanços da racionalização, colabora na construção de uma sociedade mais democrática. Isso ocorreria tanto ao retirar da cidade sua função primordial de centro simbólico de poder e colocá-la principalmente como centro dedicado ao trabalho, quanto, com sua forma de *box*, ao tornar

---

<sup>6</sup> O artigo de Maurício Nogueira Batista interessa diretamente a este texto visto ser ilustrado pelos Edifícios Avenida Central e BEG, de autoria do Escritório de Henrique Mindlin. Além disso, nesse número da revista “Arquitetura IAB”, dedicado inteiramente à questão do edifício comercial, são publicadas matérias específicas sobre o Edifício Avenida Central (p. 12-14), o Edifício do *First National City Bank*, de Recife (p. 15-16) e o Edifício do *Bank of London*, de São Paulo (p. 17-19), todos de autoria do escritório de Mindlin. No artigo, Maurício recorre a diversas obras de Lewis Mumford para depreciar a verticalização das cidades, em especial os edifícios comerciais, que são qualificados de “arquivos de seres humanos”, “prateleiras humanas”, “tarefa inglória de empilhamento”. BATISTA, Maurício N. Edifícios Comerciais. Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro. nº50, Agosto de 1966.

igualmente importantes e indiferenciados todos os lados da construção<sup>7</sup>, negando assim antigas hierarquias de diversas ordens – sem contarmos com a valorização dos aspectos de rendimento otimizado que tais edifícios ofereciam à nova organização do trabalho.

Portanto, podemos inferir que para Mindlin, ao contrário do julgamento feito por Bruand<sup>8</sup>, mais do que meramente se apropriar de certa visualidade moderna, a tipologia do edifício vertical era valorizada por representar a convergência entre o desenvolvimento da sociedade industrial e novas ideias arquitetônicas. Sua potência estaria tanto em seus aspectos pragmáticos, quanto no simbolismo de uma nova sociedade baseada na evolução tecnológica, na qual essa tipologia passa a ser vista como o principal instrumento de tradução da interconexão entre conhecimento técnico-industrial e arquitetura. Para não sermos acusados de querer mitificar a ação de Mindlin, podemos assumir que a visualidade do arranha céu americano era, sim, importante. Porém, como símbolo da conjunção arquitetura e técnica, que deveria resultar em avanços de amplo aspecto para todos – inclusive para o próprio escritório, que, como vimos, ao romper com os excessos plásticos da arquitetura moderna brasileira e introduzir novos conceitos arquitetônicos, assumia uma posição diversa daquela dominante no mercado. Como objeto tipo, onde o limite entre técnica e arquitetura se confunde, o edifício vertical isolado parece responder ao entendimento que Mindlin tem do lugar do arquiteto como mais uma engrenagem na grande cadeia produtiva moderna. Logo, o edifício em altura se configuraria não somente como uma realização arquitetônica, mas principalmente, como uma convocação a uma ação conjunta, cujo principal resultado seria um engajamento de diferentes forças num movimento de implementação da lógica racional industrial na sociedade onde esse objeto tipo fosse erguido. Tal entendimento validaria todos os esforços feitos por Mindlin – e pelos demais arquitetos modernos – em trazer para o país processos construtivos e componentes arquitetônicos ainda inexistentes na nossa precária indústria<sup>9</sup>.

Dentre as obras do escritório Henrique Mindlin, que partem de estudos sobre a tipologia dos arranha-céus, destacamos o Hotel Pan-América para a Praia Vermelha, de 1945, no qual se percebe uma busca de um refinamento das influências de Le Corbusier sobre a arquitetura carioca, impondo ao edifício um maior rigor formal na concepção; o projeto para um hotel, começado em 1953, em parceria com o Holabird & Root & Burgee que comporia o complexo Copan, em São Paulo; o Edifício Avenida Central, de 1957, que parece estabelecer uma forte continuidade com as pesquisas desenvolvidas para o hotel paulista e que traz como grande novidade o uso da *curtain wall* para o fechando externo da edificação; o Edifício do *The First National City Bank of New York*, em Recife, em 1957, que por sua dimensão, inserção urbana e programa, permite um partido de um único bloco pousado diretamente no solo, sendo esse mesmo partido adotado no *Bank of London*, em São Paulo, em 1959. O partido de um único bloco pousado no solo chegaria a sua maior realização, dentre as experiências do escritório, no

<sup>7</sup> Nesse sentido, vale destacar fala de Mindlin em sua tese sobre o Grande Hotel, na qual ele aponta para a relação entre a posição dos quartos e a ideia de democracia: “A exigência de exposição igualmente boa para todos os quartos [...] transformou-se num imperativo absoluto para qualquer projeto de hotel. Trata-se, sem dúvida, de consequência do processo de democratização [...]” – MINDLIN, Henrique. O Grande Hotel – Notas sobre a evolução de um programa. Tese para concurso em Cátedra de Grandes Composições de Arquitetura, Faculdade Nacional de Arquitetura, 1962; p. 18.

<sup>8</sup> Em “Arquitetura contemporânea no Brasil”, Bruand coloca, indiretamente, a obra do escritório de Mindlin como mera cópia inadequada dos princípios miesianos (BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1982).

<sup>9</sup> Mindlin parece reforçar essa leitura ao incluir, em seu livro “Arquitetura Moderna no Brasil”, uma foto de *brise-soleils* já produzidos industrialmente no país, cuja legenda é: “*Brise-soleil* em alumínio produzido em série” (MINDLIN, Henrique. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999. p. 34).



projeto do BEG, uma torre de 30 andares na qual, por questões inesperadas, assume-se uma articulação próxima daquela proposta pelos arquitetos brutalistas, sendo que, dentro desse mesmo tipo de articulação, surgem depois o Edifício Sede do Jornal do Brasil, de 1965, no Rio de Janeiro, o Centro da Marinha Mercante, de 1967, também no Rio de Janeiro, o projeto para o Banco da Lavoura de Minas Gerais, em São Paulo, de 1968, e, por fim, o primeiro estudo para o Hotel Sheraton (RJ), de 1968.

O que queremos aqui assinalar é que, trabalhando num campo ainda bastante artesanal, o escritório de Henrique Mindlin busca aprimorar sua ação ajudando a implementação de processos mais industrializados ao caminhar por certa padronização para suas próprias soluções arquitetônicas. Não só os procedimentos organizacionais do escritório e de representação gráfica dos projetos se padronizam, mas igualmente caminham por estudos tipológicos, pela repetição de soluções que se mostraram exitosas e pela ausência de uma valorização excessiva de variações formais. A partir de certo momento, o projeto afina-se completamente às limitações do desenho mongeano. Curvas, cúpulas, ondulações, inclinações, são permitidas unicamente nas obras de exceção – como nas Sinagogas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nos demais projetos, a predominância da ortogonalidade é quase absoluta.

As soluções funcionais parecem buscar igualmente a determinação de certa standardização. Atingido um patamar de eficiência, aquela organização é transformada em padrão a ser adaptado e, com constância, atualizado. Vemos a recorrência de articulações específicas, de organizações funcionais e, até mesmo, de acabamentos, sem que isso determine uma obra composta, em seu todo, de uma repetição monótona.

#### **4 DEPURAÇÃO FORMAL COMO URBANÍSTICA**

Para terminar nossa breve explanação sobre a ação do escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados devemos destacar a relação que se estabelece entre procedimentos racionalizados para o campo da arquitetura, rigor de concepção e cidade.

Como já dito, arquitetura do escritório não procurava efeitos grandiosos e sequer “virtuosismos de prancheta”<sup>10</sup>. Próximos a um acento purista, buscavam uma depuração formal que seria alcançável através de um processo de síntese, integrando os aspectos funcionais, técnicos e também estéticos da arquitetura. Em outras palavras, a depuração que viabilizava a adoção de certa padronização, não determinava uma banalização, ou sequer uma desvalorização da obra. O que vemos é a tentativa sofisticada e árdua de equacionar a racionalização da produção com a manutenção de aspectos formais que correspondam à clareza racional proposta para os meios construtivos.

Busca-se uma ordem formal racionalizada, o que não implica a expulsão da sensibilidade artística do campo da arquitetura. Mindlin, ele próprio, acusa o entendimento da necessidade de se conjugar as dimensões técnica e artística ao propor que, na fase de concepção de um projeto, o arquiteto disporia somente da “sua capacidade de vibração, da sua sensibilidade, como criatura humana, para tudo que o cerca, do seu inato senso de medida” (MINDLIN: 1968). Podemos supor, portanto, que Henrique Mindlin não propunha a ausência de uma sensibilidade artística para o arquiteto, mas sim o entendimento de que essa sensibilidade

<sup>10</sup> Expressão usada por MINDLIN em “A nova arquitetura e o mundo de hoje” (MINDLIN, “A nova arquitetura e o mundo de hoje” In: YOSHIDA et alii, 1974; p. 170).

seria comum a todo ser humano. O lado artístico, segundo ele inconsciente<sup>11</sup>, talvez devesse ser percebido como o resultado de uma contínua experimentação de tudo que nos cerca e não como uma condição de excepcionalidade no homem moderno. Assim, a presença de um caráter artístico na ação arquitetônica não mais estaria conectada à “expressão supostamente poética, aos valores de convenção que tão pouco se relacionam à angustiosa presença da realidade que marca nosso século” (MINDLIN, “Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Arte”, Rio de Janeiro, Revista ABGB, 1968; p.82). Em direção oposta, voltar-se-ia para a solução das questões cotidianas práticas e objetivas, alimentando o processo racional com seu “inato senso de medida”, como atividade contínua, possibilitando o alcance de sínteses que dessem conta de propor e revelar novas organizações da vida moderna – sempre em movimento, sempre propondo novos problemas – e não mais buscassem a expressão individual.

Nas obras do escritório, a síntese de técnica, aspectos funcionais e estéticos se manifesta no acerto proporcional, no rigor e na firmeza da “paginação” de suas obras. Privilegiando a manutenção de volumetrias claras e bastante regulares – conseguidas a partir de articulações planares predominantemente ortogonais – constituem ordenações tão precisas que faz parecer banal atingi-las. O resultado são edificações que apresentam uma grande economia de meios, sem que isso represente, em geral, previsibilidade.

O caráter de plena abstração formal, obtido através da rigorosa economia de meios – que não dá lugar a “fetichismos da forma absoluta”<sup>12</sup>, nem a lirismos regionalistas ou individualistas –, determina uma arquitetura desenraizada, que parece se estabelecer como um desdobramento do denominado, por Henry Hitchcock e Philip Johnson, *International Style*. Opondo-se à “arquitetura do sol” carioca e sem construir maiores conexões com o brutalismo paulista, parece ter como principal referência o pensamento bauhausiano já filtrado pelo pragmatismo americano. Podemos sugerir que sua principal interlocução seria com as metrópoles que surgiam no país, as quais pretende doar certa ordem abstrata. Não estamos propondo que a arquitetura de Mindlin e sua equipe tenha um caráter de urbanismo, mas sim que ela buscava uma compostura urbana, que se estabeleceria através da convivência da massa urbana construída com o rigor de suas torres. Ou seja, uma urbanística alcançável através da urbanidade da forma construída, que pode ser então pensada com uma forma civilizadora, como civilizador é todo o processo de racionalização.

## 5 CONCLUSÃO

A verticalização, o adensamento, a exploração mercantil e ideológica de nossas cidades não foram determinadas pela ação dos arquitetos. Mas, tiveram neles articuladores importantes e, em diferentes graus, mais ou menos conscientes do avanço da racionalidade de dominação sobre a sociedade. Obviamente, não se pode negar que os espaços construídos dentro da lógica capitalista da produção e do consumo são espaços abstratos, primados pela razão estética e pela força das imagens, que parecem se tornar, eles próprios, mercadoria (LEFEBVRE, 1974). Porém, como Lefebvre aponta, são igualmente espaços envoltos pelas

<sup>11</sup> “Na parte inconsciente da elaboração dos problemas com que se confrontam, na busca visceral, por vezes fácil e espontânea, quase sempre tateante e torturada da síntese integradora da obra, nada mudou [...]” MINDLIN, H. E. Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Arte. Rio de Janeiro, Revista ABGB, 1968. p. 81.

<sup>12</sup> Expressão usada por Henrique Mindlin em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Arte (MINDLIN, H. E. Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Arte. Rio de Janeiro, Revista ABGB, 1968. p. 80).



contradições da realidade à medida que são resultado de um somatório de forças sociais e culturais, traduzindo as diferenças e as particularidades contextuais. O que pretendemos aqui mostrar foi como certa forma de ação arquitetônica, guiada por uma organização de produção e de facção de projeto extremamente racionalizada, constituiu-se como parte importante do estabelecimento da paisagem e do espaço urbano atual, sem escapar, no entanto, de se estabelecer através de contradições.

No caso aqui exposto destacamos que o escritório Henrique Mindlin Associados favoreceu os procedimentos de caráter racionalizador, constituindo, ao mesmo tempo, certo compromisso com as cidades onde construiu suas obras, através da crença na eficiência de suas edificações e no rigor de sua visualidade, estabelecendo, portanto, uma espécie de projeto de urbanidade. A eficiência dessa urbanidade, que surgiria pela forma, resultava diretamente da interdependência entre a construção, a concepção do projeto, o controle de padronização da representação gráfica e a organização do escritório. Tanta sistematização tinha como produto construções que expõem formalmente e funcionalmente o rigor que subjaz a todo o processo. É importante igualmente notar que esse grande esforço para o alcance de tamanha eficiência não era unicamente um processo de racionalização, constituindo-se, também, como garantia da manutenção de certo padrão de qualidade formal, que não fosse comprometido por mudanças que ocorressem durante a execução ou pela ação do usuário. Ou seja, a permanência de uma interlocução positiva entre a cidade e as obras estava determinada pelo rigor e articulações formais do projeto. Assim, podemos assumir que havia a pretensão de se organizar o espaço de vivência urbana, talvez sem que se percebesse o quanto de imposição havia nessa ação e quão facilmente ela poderia ser apropriada para a exploração e dominação.

## REFERÊNCIAS

- ÁBALOS, I.; HERREROS, J. *Tower and office: from modernist theory to contemporary practice*. Massachusetts: MIT Press, 2005.
- BATISTA, M. "A cultura das cidades". Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro. nº 50, agosto de 1966.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CARDOSO, F. H. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- CÍCERO, Antonio. *Poesia e paisagens urbanas*. IN: CÍCERO, Antonio. *Finalidades sem fim*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Ed Anthropos, 1974.
- MINDLIN, Henrique. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A arquitetura moderna no Brasil: passada, presente e futura*. Conferência pronunciada na ABI – Rio de Janeiro, out. 1969. In: YOSHIDA, C. B. et al. *Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto*. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1975. p. 181-187.
- \_\_\_\_\_. *O Grande Hotel: notas sobre a evolução de um programa*. Rio de Janeiro, 1962. Tese (concurso) - Cátedra de Grandes Composições de arquitetura, Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.
- \_\_\_\_\_. *Prumadas de circulação em edifícios altos*. Rio de Janeiro, 1962. Tese (livre docência) - Cadeira de Grandes Composições de Arquitetura. Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.
- \_\_\_\_\_. *A nova Arquitetura e o mundo de Hoje: conferência pronunciada na Escola de Engenharia Mackenzie, 30 ago. 1945*. In: YOSHIDA, C. B. et al. *Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto*. São Paulo, Instituto Roberto Simonsen: 1975. p.165-172.



PRADO, L.C. D.; SÁ EARP, F. *O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973)*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, L.A.N. (org.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Livro 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 207-242.

SENA BATISTA, Antonio. *Arquitetos sem halo: A ação dos escritórios M.M.M.Roberto e Henrique Mindlin Arquitetos Associados*. Tese. Departamento de História – PUC-Rio, 2013.

TOURAINÉ, Alain. *Palavra e Sangue: Política e Sociedade na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

YOSHIDA, C. B. et al. *Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto*. São Paulo, Instituto Roberto Simonsen, 1975.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.